

# **Do Canadá para o mundo: as relações entre os fascismos canadenses e o universo fascista mundial entre as duas guerras mundiais<sup>1</sup>**

## **From Canada to the world: the relationships between Canadians and the world fascist universe between the two world wars**

João Fábio Bertonha

*Recebido 27, jul. 2011 / Aprovado 27, set. 2011.*

**Resumo:** O principal objetivo desse artigo é discutir as relações estabelecidas pelos vários movimentos fascistas canadenses, nos anos 30 do século XX, com o universo fascista mundial, especialmente com os grupos ingleses e dos Estados Unidos, além da Alemanha nazista e da Itália fascista. Através do uso de alguns dos jornais desses movimentos, procura-se ver como os mesmos se situavam frente ao mundo. Serão especialmente enfocados o problema da definição nacional canadense naquele momento e a forma como esse tema dificultou as relações dos vários fascismos em ação no Canadá naqueles anos.

**Palavras-chave:** Fascismo; Canadá; fascismo internacional.

**Abstract:** The main object of this paper is to discuss the relationships established by the various Canadian fascist movements during the 1930's among themselves and with the international fascist world, mainly British and American groups, as well as the Nazi Germany and the Fascist Italy. Through the analysis of some of these movements' newspapers, I will try to understand how these movements saw themselves in relation with the rest of the world. The lack of national definition in Canada in that time and its effects in the development of fascism in the country will be specially stressed.

**Keywords:** Fascism, Canada, International Fascism

**Résumé:** Cet article a le but de discuter les relations établies par les divers mouvements fascistes canadiens, au cours des années 30 du XXe siècle, avec l'univers fasciste mondial, en particulier avec les groupes anglais et des Etats-Unis, en plus de l'Allemagne nazie et de l'Italie fasciste. À travers l'utilisation de quelques-uns des journaux de ces mouvements, on essaie de voir comment ces mouvements se situaient devant le monde. Le problème de la définition nationale canadienne à ce moment-là et comment ce thème a difficulté les relations des divers fascismes en action dans le Canada dans ces années-là seront spécifiquement envisagés.

**Mots-clés:** Fascisme; Canada; fascisme international

## **Introdução**

Nos últimos anos, escrevi alguns artigos (BERTONHA, 2002 e 2010), nesse mesmo espaço, a respeito do universo fascista nos países de língua inglesa e, especialmente, sobre a ascensão e queda dos movimentos e partidos fascistas no Canadá do entre-guerras. Esses artigos representam um esforço para trazer, ao público brasileiro interessado na história do Canadá, uma faceta desse país tradicionalmente desconhecida quando se pensa na sua história mais recente, marcada por posições progressistas tanto na política como na vida social.

Esse artigo tem por objetivo, a princípio, finalizar a série e apresentar, ao público brasileiro, uma visão mais completa do que foram os movimentos fascistas canadenses naquele período. Nesse sentido, meu objetivo é mais específico e visa discutir as relações internacionais dos vários fascismos canadenses. A partir de pesquisa bibliográfica e também do trabalho com jornais produzidos por vários desses movimentos e grupos, procurarei entender o misto de solidariedade e competição que marcava o relacionamento de tais movimentos entre si e com seus congêneres do exterior.

Dado o já publicado anteriormente, não será necessário fazer, novamente, nem um resumo factual a respeito dos fascismos canadenses e/ou dos países anglo-saxões, nem uma discussão sobre as razões de seu limitado desenvolvimento no Canadá. Iniciarei, portanto, com uma parte mais teórica que buscará fornecer, ao leitor, um quadro mínimo a respeito

da problemática do relacionamento inter-fascismos. Essa parte fornecerá uma base geral sobre a qual as discussões mais específicas poderão ser desenvolvidas, o que acontecerá no item seguinte. Nesse, utilizarei intensamente jornais dos movimentos fascistas canadenses, por considerá-los fonte privilegiada para recuperar a percepção de seu mundo.

O problema do nacionalismo será um dos focos centrais desse texto. A questão nacional sempre foi um dos principais focos de divergência entre os vários movimentos fascistas e procurarei explicitar como ela colaborava para causar fricções não apenas entre os fascistas canadenses e os do exterior, como entre os vários movimentos fascistas canadenses entre si. A partir daí, teremos um entendimento mais sólido tanto do próprio fascismo canadense, assim como da questão mais ampla do relacionamento inter-fascismos, sempre marcado pela solidariedade e contradição, o que colaborará para o avanço dos nossos conhecimentos, tanto dentro da história do Canadá, como da história contemporânea como um todo.

## **O problema do relacionamento inter-fascismos**

O tema do relacionamento inter-fascismos é longo demais para ser desenvolvido a contento neste espaço. É tarefa fundamental, contudo, abordá-lo minimamente se quisermos entender a dinâmica dos contatos desses agrupamentos políticos dentro do Canadá.

Logo após sua ascensão ao controle do Estado em 1922, o fascismo de Mussolini tinha como prioridade chave a consolidação de seu poder na Itália. Uma questão marcava, porém, tanto a concepção de sua política externa como a própria formação do Estado fascista: a de definir a abrangência do fenômeno e da ideologia fascista. Seria o fascismo algo típico da Itália, um “fenômeno italiano” ou algo universal, cuja aplicação poderia se estender também para fora da Itália?

Nos anos 20, há indícios de que as preocupações de ordem nacionalistas dominaram a política externa italiana e de que, apesar das ambiguidades prosseguirem, os interesses ideológicos estavam subordinados aos interesses estratégicos nacionais italianos naquele momento. Em outras palavras, mesmo quando subsidiava e apoiava movimentos fascistas, ou simpáticos ao fascismo no exterior, o objetivo central do regime não seria o de espalhar o “fascismo universal”, mas sim o de instrumentalizar esses

movimentos afins para a defesa dos desígnios italianos. E mesmo esse apoio e subsídio, porém, eram precários e desenvolvidos sem um plano global de ação.

O que parece ter convencido o regime de que o fascismo era uma solução universal que alimentava essa idéia para além de contatos esporádicos com os outros fascismos foi a grande crise do capitalismo a partir de 1929, a qual parece ter ajudado a convencer o regime de que o fascismo era a onda do futuro e que cabia a Roma guiá-la.

Questões internas do regime também estavam certamente presentes, assim como a competição com a Alemanha nazista. A ascensão do nazismo na Alemanha certamente reforçou em Mussolini a convicção de que a idéia fascista era a “onda do futuro”, a ser exportada e difundida. A Alemanha nazista, contudo, também era uma rival potencial tanto geopoliticamente como na liderança do universo fascista e era necessária uma reação firme frente a esta ameaça.

O resultado final de toda essa fermentação ideológica, debate político e interesses de política interna e externa foi a criação dos *Comitati d'azione per l'universalità di Roma (CAUR)* em 1933. A criação desse órgão foi um marco importante na idéia da internacionalização do fascismo e seu primeiro marco institucional.

O auge dos CAUR foi o seu Congresso em Montreux em 1934. Uma nova reunião de movimentos fascistas patrocinada pelo CAUR ocorreu em janeiro de 1935 em Paris e outra em Amsterdã em abril do mesmo ano. Logo depois, contudo, a tentativa italiana de organizar a “Internacional fascista” entrou em decadência e, apesar da Itália ainda utilizar a idéia do fascismo internacional em sua propaganda nos anos seguintes e não ter renunciado aos contatos com os movimentos fascistas fora da Itália, preferiu retirar seu apoio de organismos como os CAUR e de qualquer idéia de um órgão institucional dessa natureza (LEDEEN, 1973; CUZZI, 2005; SABATINI, 1997 e BERTONHA, 2000).

A experiência dos CAUR faliu pela incompetência dos que tentaram organizá-la, pela fraqueza da maioria dos movimentos fascistas que deveriam integrar a “Internacional” e a relutância deles em se colocar ao serviço de Roma e, também, pelo problema nazista. Com efeito, num primeiro momento, a competição fascismo/nazismo e o boicote nazista à “Internacional” foram fatais para sua constituição efetiva, enquanto a melhoria das relações entre Roma e Berlim no momento posterior também

ajudou a sabotar a ideia, pois Mussolini queria evitar motivos de atrito com seu novo aliado. Tal situação nos obriga a um exame um pouco mais detalhado do posicionamento nazista frente à questão da “Internacional fascista”.

Em termos de atividades além fronteiras, o regime nazista concentrou seus esforços nos seus próprios co-nacionais no exterior e, especialmente, naqueles localizados nas regiões europeias fronteiriças com a Alemanha, onde eles poderiam, potencialmente, servir de pontas de lança para uma futura invasão alemã. Nisso, não foram diferentes dos italianos.

A Alemanha, contudo, jamais pensou seriamente em criar a sua própria “Internacional fascista”. Isso ocorreu devido ao fato da Alemanha dispor de poder para conquistar efetivamente o que queria e ao caráter violentamente racista e imperialista do nazismo, interessado em impor sua ideologia e sua dominação pela força e só fazendo propaganda no sentido mais instrumental do termo. A importância chave da questão racial dentro do corpo teórico nazista também o tornava muito menos aberto a qualquer ideia de colaboração com movimentos no exterior do que o fascismo italiano.

Isso não significa que o fascismo italiano também não pensasse em termos de seu próprio poder e domínio. Os fascismos do exterior só foram apoiados por Roma, na maior parte dos casos, enquanto força de desestabilização dos adversários geopolíticos da Itália ou nos locais onde estes movimentos poderiam dar origem a estados-satélites controlados por Roma ou, no mínimo, ao aumento da influência italiana local. A aversão nazista à colaboração, contudo, era ainda maior.

Isso indica como, em maior ou menor grau, o relacionamento entre movimentos e regimes fascistas foi marcado por esses problemas de fundo, por essas contradições entre solidariedade e competição ideológica (fascismo x nazismo) e, especialmente, entre solidariedade ideológica e competição nacionalista. Elas acabaram por destruir qualquer possibilidade de construção de uma “Internacional fascista”, o que ressalta esse caráter “nacionalista” do internacionalismo fascista.

Mesmo nos contatos inter-fascistas longe de seus países de origem, no dia-a-dia das ruas, estas contradições apareciam com regularidade. Na França, fascistas franceses e italianos eram aliados, mas persistiam dúvidas de fundo sobre a futura identidade dos ítalo-franceses e sua lealdade;

fascistas brasileiros e argentinos se solidarizavam quando da luta contra a esquerda, mas nunca podiam concordar sobre o país que seria o líder da América do Sul, etc. Os exemplos neste sentido se repetem por todo o globo.

Mesmo se nos restringirmos ao universo anglo-saxão, percebemos como os fascistas jamais conseguiram fugir dessas contradições de fundo, ainda que compromissos tenham sido, muitas vezes, estabelecidos a partir das necessidades de momento.

Assim, na Austrália, vários links foram estabelecidos entre os fascistas do coronel Campbell, os adeptos do *Social Credit*, os fascistas italianos, os nazistas e outros grupos de direita em ação no país. Regularmente, contudo, problemas de comunicação, preconceitos mútuos e disputas ideológicas (como o papel do anti-semitismo) e nacionalistas ajudavam a eliminar as chances de maior colaboração (PERKINS e MORRE, 2001). Um padrão que se repetiu na África do Sul, nos Estados Unidos (GUY, 2001 e WARREN, 2001) e em outros lugares.

É a partir desse quadro geral que podemos entender o caso canadense, em suas particularidades e semelhanças, e o relacionamento entre os vários movimentos fascistas presentes em seu território.

### **A solidariedade e os conflitos inter-fascismos: o caso do Canadá**

Quando examinamos as relações dos vários grupos fascistas canadenses e seus congêneres do exterior, percebemos facilmente que havia contatos e solidariedade entre eles, repetindo o padrão mais geral. Há realmente sinais de colaboração entre os vários movimentos fascistas canadenses e seus congêneres estrangeiros com seções ou alguma estrutura instalados no Canadá.

O *Canadian Nationalist Party* (CNP), por exemplo, mantinha contatos com grupos nacionalistas ucranianos do oeste do Canadá e também com as seções da *Deutsche Bund* do Canadá. Em algumas cidades das pradarias, inclusive, a militância nos dois grupos chegava a se confundir e o órgão oficial do *Deutsche Bund* canadense era impresso pela mesma gráfica que produzia o *The Canadian Nationalist*, jornal do CNP (ROBIN, 1992, p. 125-28 e BETCHERMAN, 1978, p. 73).

Também sabemos que os fascistas do oeste canadense imaginavam que os jovens italianos residentes no Canadá seriam adeptos em potencial

dos seus movimentos, dirigindo apelos a estes. O *Canadian Nationalist Party*, por exemplo, tinha um seção para italianos em Winnipeg, fundada por Morelli (ROBIN, 1992, p. 230-31).

Os grupos fascistas ou de extrema-direita do Quebec também mantinham ligações com seus congêneres do exterior. Lionel Groux, ainda que provavelmente mais um conservador católico do que propriamente um fascista<sup>2</sup>, tinha simpatias por Mussolini e jovens ligados a ele e a seu movimento nacionalista quebequense teriam sido presos em Quebec City, em 1942, por distribuírem propaganda em favor do nazismo. Este grupo teria, também, contatos com a Alemanha nazi e com Eugène Deloncle, antigo adepto da *Action Française* e membro da administração alemã na França ocupada.

Rádio Paris e Rádio Vichy também seriam escutadas com entusiasmo por certos grupos no Quebec, os quais apreciavam os comentários irradiados sobre as ligações entre a nova França com o Quebec. Para alguns deles, um Quebec independente deveria surgir seguindo os moldes da França de Vichy e, por isto mesmo, faziam oposição a uma guerra inglesa contra a verdadeira França. Não espanta, aliás, como, depois da guerra, muitos colaboradores franceses durante a ocupação nazista da França tenham fugido para o Quebec.<sup>3</sup>

Claro que estes grupos eram minoritários na realidade quebequense e o medo de pessoas como o cônsul dos Estados Unidos em Quebec City de 1939 e 1942, Rollin Wilson, de que um Quebec fascista ameaçaria o esforço de guerra aliado (DELISLE, 1998, p. 31) era exagerado. As pesquisas de Sanders (1996) sobre as opiniões dos quebequenses a respeito de Pétain e De Gaulle também deixam claras as divisões entre os franco-canadenses e que nem todos apoiavam o regime de Vichy. Mas, parece evidente, que ao menos alguns grupos locais - não necessariamente fascistas - mantinham contatos internacionais com os movimentos de base fascista da França.

Um outro grupo com claro vínculo internacional era o *Canadian Union of Fascists*. Fundada em 1934, em Winnipeg, como dissidência do grupo de Whittaker, considerava-se seção da *British Union of Fascists* de Oswald Mosley. Era quase uma cópia do original britânico, ainda que seu nome tenha sido alterado para *Canadian Union of Fascists*, tanto que seu jornal *The Thunderbolt* copiava artigos de jornais da BUF (como o *The Blackshirt*, *The Fascist Quarterly* e o *Action*) e vendia assinaturas dos mesmos. Também costumava reportar as atividades e escritos de Mosley e

há informes de artigos do grupo canadense sendo reproduzidos nos jornais da BUF<sup>4</sup>.

Este grupo também era fortemente pró-Mussolini, tanto que um advogado italiano prestava serviços a ele e o jornal fascista *Il Bollettino Italo Canadese* de Toronto chegou a editar algumas das publicações da CUF em sua gráfica (BETCHERMAN, 1978, p. 83 e 141; PRINCIPE, 1999).

É no *The Thunderbolt*, contudo, que os vínculos internacionais estão mais evidentes. O jornal defendeu a Itália durante a guerra da Abissínia e até difundiu a ideia de copiar, no Canadá, o *British-Italian Bureau* que, na Inglaterra, articulava a propaganda da Embaixada italiana com a BUF. O mesmo jornal anunciava a distribuição de textos em inglês, francês e alemão publicados pelo *Deutscher Fichte-Bund* e pela *Liga Anti-Comintern* alemães e publicava artigos tanto de Joseph Goebbels como outros extraídos do boletim do CAUR, justamente o órgão criado por Roma para internacionalizar o fascismo, o que é relevante. Além disso, difundia textos de autores ingleses, alemães e italianos a respeito do fascismo e usava, em alguns números, o lema “CANADA AWAKE!”, numa clara reprodução do “DEUTSCHLAND ERWACHE!” do nazismo<sup>5</sup>.

Os vários grupos liderados por Arcand, por sua vez, tinham total identificação com o fascismo internacional. Sua estética era claramente fascista e, com o passar do tempo, nazista, com farta exibição de suásticas e outros símbolos nazistas<sup>6</sup>. Muitas propagandas anti-semitas por eles difundidas também vinham diretamente da Alemanha e suas relações com Mosley eram excelentes. Já em 1932, ele teria sido contatado por Kurt Ludecke, agente nazi na América do Norte, que teria lhe dado uma foto autografada de Hitler, a qual Arcand teria conservado como um tesouro por toda a vida (BETCHERMAN, 1978, p. 12 e 27-29).

Arcand também mantinha contatos íntimos com Lord Sydenham of Combe, conectado aos fascistas britânicos e à *Imperial Fascist League*. Este o ajudou financeiramente em momentos críticos e eles trocavam material e artigos para seus jornais. Em várias ocasiões, os jornais de Arcand elogiaram O’Duffy, líder dos fascistas irlandeses<sup>7</sup>, e ele também era amigo de Henry Hamilton Beamish, do grupo *Britons*, o qual tinha ótimas relações com a Alemanha nazista. Arcand trocou muitas cartas e material com ele e os dois se encontraram privadamente no Canadá em 1936. Textos de Beamish foram publicados nos jornais de Arcand e, em



troca, ele traduziu *The Key to the Mystery*, de Arcand, para o inglês e o africâner, difundindo-o na África do Sul (ROBIN, 1992, p. 116-20).

No tocante às suas relações com os fascistas italianos no Canadá, há informações de reuniões do *National Unity Party* de Arcand ocorrendo em igrejas italianas do Quebec e de dois consulados italianos abastecendo os jornais de Arcand com propaganda fascista. A seção desse partido em St. Dennis, em 1938, por sua vez, funcionava ao lado da *Casa d'Italia* em 1938 e Arcand teria empregado um repórter italiano em seu jornal justamente para se manter em sintonia com a comunidade italiana.

O famoso escritor Mario Duliani, que já havia trabalhado para a extrema direita francesa em Paris, também colaborava tanto com o jornal *L'illustration nouvelle* de Arcand como com o Consulado italiano e consta que foi um fascista italiano que ajudou a organizar uma seção dos camisas azuis de Arcand em Windsor (BETCHERMAN, 1978, p. 83-84 e 142 e ROBIN, 1992, p. 231). Por fim, órgãos fascistas italianos dedicados à universalização do fascismo também publicaram textos de louvor a Arcand<sup>8</sup>, cimentando uma relação que só esfriaria com a caminhada de Arcand em direção ao nazismo.

Também da França vinham apoios. René Gauthier, do jornal *Amitié Franco-Canadienne*, enviava material anti-semita para Arcand e Ménard. Textos de Arcand também foram distribuídos na França, em 1937, durante reuniões do *Rassemblement anti-juif de France*, organização anti-semita (BETCHERMAN, 1978, p. 115). O *Le Patriote* e outros jornais de Arcand também prestavam atenção em movimentos fascistas franceses, como o *Francisme*<sup>9</sup>. Por fim, indicando como a visão dos grupos fascistas canadenses era realmente internacional, em outubro de 1936, grupos de extrema-direita de Montreal atacaram uma reunião de apoio à República espanhola, obrigando a sua suspensão (ROSS, 1995, p. 358). Na verdade, Arcand se correspondia e via aliados para sua causa por todo lado, seja na Europa, nas Américas do Sul e do Norte, na África e na Oceania. Há anúncios em seus jornais que indicam recebimento de correspondência e jornais de movimentos fascistas de toda a Europa e também dos Estados Unidos e do Brasil<sup>10</sup>, enquanto a coluna “Sur le front fasciste” do jornal *Le Fasciste Canadien* publicava regularmente notícias sobre a “onda fascista” nos continentes europeu e americano. Curioso notar, a propósito do Brasil, que esse jornal publicou artigo elogioso sobre Gustavo Barroso<sup>11</sup>, justamente o líder da ala mais anti-semita do movimento integralista brasileiro.

Alguns jornais integralistas ligados a Barroso, por sua vez, também emitiam elogios a Arcand (PASCHOALETTO, 2010) e Barroso também citava textos de Father Charles Coughlin e de Adrien Arcand para comprovar que o presidente Roosevelt era judeu e que a democracia americana, portanto, estava dominada pelo judaísmo (BARROSO, 1938, p. 28). Isso indica claramente como as relações não eram aleatórias, mas mediadas, ao menos até certo ponto, pela compatibilidade ideológica.

Seus interlocutores privilegiados no exterior eram, claro, os movimentos de base fascista dos outros *Dominions* britânicos, dos Estados Unidos e da Inglaterra, além da Itália fascista, e, cada vez mais com o decorrer do tempo, a Alemanha nazista. Mas, parece claro, que ele via a sua luta tanto como canadense como internacional, o que lhe permitia desfrutar do apoio destes grupos estrangeiros para financiar e apoiar suas atividades.

Mesmo em território canadense, a ajuda dos grupos estrangeiros era importante para apoiar o líder fascista em suas atividades. Arcand fazia discursos anticomunistas em associações nacionalistas ucranianas (PRYMAK, 1988, p. 100), foi na sede de uma dessas associações em Toronto que as reuniões preparatórias para o Congresso Nacional do seu partido, em 1938, foram feitas e a sede do *Bund* em Montreal lhe fornecia apoio logístico (ROBIN, 1992, p. 266 e BETCHERMAN, 1978, p. 128).

Nada indica melhor a força das conexões internacionais de Arcand, contudo, do que algumas cerimônias extremamente simbólicas. Em 1938, houve uma marcha de doze legionários do *Ontario Nationalist Party*, ligado a Arcand, por Toronto. Segundo Betcherman (1978, p. 115), desses doze, dez eram anglos, um italiano e um holandês recém-chegado dos Estados Unidos.

Extremamente emblemática, além disso, foi a participação de Arcand numa grande cerimônia fascista em Nova York em 30/10/1937. Organizada pelo *German-American Bund*, contou com fascistas alemães (Fritz Kuhn, Rudolph Markman), americanos (William Pelley, líder dos *Silvershirts*, os fascistas americanos) e italianos (John Fumizio), além de delegações russas, ucranianas e espanholas. Arcand foi saudado e apresentado pelo seu velho amigo Henry Beamish, membro dos *Britons* ingleses e que representaria não apenas estes, mas também um grupo fascista da África do Sul. Uma verdadeira cerimônia de solidariedade fascista, ao menos em nível simbólico<sup>12</sup>.

Como era de praxe no relacionamento inter-fascismos, contudo, havia todo um cuidado em ressaltar a relação de comunhão de ideais, mas, de forma alguma, de subordinação ou cópia:

*C'est le programme que j'ai à vous exposer Dans ses grandes lignes, et même dans une foule de détails, il est identique aux programmes des principales organisations corporatistes des autres pays: fascistes italiens, nazis allemands, cruzistes de Roumanie, francistes de France, fascistes d'Angleterre, nationalistes de Suisse, guardistes d'Australie, fascistes de Suède, Norvège, Bulgarie, Belgique, Danemark, etc, dont nous avons toujours surveillé attentivement l'action et l'évolution. D'ailleurs, tous les partis corporatistes, partant des mêmes principes, aboutissent infailliblement aux mêmes conclusions (...). Cependant, on remarquera que notre programme est avant tout essentiellement canadien, qu'il est adapté à notre statut de Dominion britannique, qu'il est fait exclusivement pour les Canadiens. Je dois dire aussi que notre Parti s'il a des sympathies légitimes pour les mouvements analogues dans les autres pays, est totalement indépendant, suprême dans son autorité et n'a aucune attache quelconque avec aucun groupe extérieur<sup>13</sup>*

Muitas vezes, até por isto, os contatos eram mantidos de forma discreta, o que dificulta a análise do historiador. No seu exame dos jornais do *Bund* canadense, Wagner (1981, p. 76- 77), por exemplo, constata que não havia apelos claros para que os membros do grupo se juntassem aos fascistas locais. Depois, o Bund teria ficado à parte de todas as negociações para a criação de um partido fascista canadense unificado. Para ele, esses dados indicariam que, ao contrário do proposto por Betcherman e outros, os contatos entre nazistas no Canadá e os fascismos locais teriam sido quase que inexistentes.

Wagner provavelmente está correto em indicar que a presença do Bund nas pradarias canadenses povoadas por imigrantes alemães foi exagerada e que os contatos entre ele e os fascistas canadenses eram discretos. Mas discrição não significa que não tenham existido. Afinal de contas, a publicização desses contatos seria prejudicial a ambos e tiveram

que ser mantidos o mais fora possível das vistas públicas. As fontes públicas, portanto, não podem ser as únicas a ser levadas em conta pelo historiador.

De qualquer modo, fica claro como as pessoas aderiam ao Bund do Canadá ou aos vários partidos fascistas canadenses não eram, em essência, muito diferentes em termos de ideologia, compartilhando ideais fascistas e percebendo o mundo como uma grande arena de combate entre os fascismo e seus inimigos, o que levava a um padrão de solidariedade geral.

Ao mesmo tempo em que estes contatos se davam, contudo, também havia desconfianças e problemas de fundo, que impediam uma união de fascistas estrangeiros e locais numa frente única. À parte problemas conjunturais, como o esforço de Berlim e Roma para manter cordiais as relações com Ottawa (o que implicava em evitar envolvimento aberto com a política local), o problema central era o nacionalismo.

Os adeptos do Bund, por exemplo, propunham que os alemães e seus descendentes instalados no oeste canadense se tornassem membros do Volk alemão, enquanto os fascistas italianos queriam imigrantes e seus descendentes ligados culturalmente a Roma e à Itália. Como eles poderiam se unir aos que pregavam o Canadá para os canadenses, a assimilação dos estrangeiros dentro da cultura francesa ou anglo-saxã e a solidariedade com o Império e a Coroa? Para um teuto-canadense, por exemplo, aderir ao movimento de Whittaker ou a um outro partido do gênero seria um passo para a assimilação e não é à toa que o Bund não aprovava tal adesão, a não ser esporádica e sob controle.

Essa situação e uma firme análise estratégica também explica o modesto apoio fornecido por Roma e Berlim aos movimentos fascistas canadenses. Apesar de uma ou outra aproximação, normalmente por iniciativa dos cônsules, estes governos não apoiaram os fascismos canadenses com dinheiro ou apoio logístico (LIBERATI, 1984 e MOUNT, 1993). Tal resistência se deveu simplesmente à constatação de que eles eram débeis demais para representar alguma ajuda aos interesses italianos ou alemães no Canadá e ao potencial conflito de interesses motivado pelo nacionalismo. Apoiar o fascismo local seria associar-se aos perdedores e tanto Roma como Berlim, numa demonstração de que realmente pensavam a relação inter-fascismos num viés do interesse nacional, preferiram não fazê-lo, ao menos não de forma ampla.

## **O problema nacionalista no Canadá e o fascismo**

A relação dos fascismos canadenses com seus similares estrangeiros não foi muito diferente, assim, do padrão geral, já mencionado. No caso canadense, contudo, havia uma especificidade que agravava ainda mais a contradição entre eles, ou seja, a falta de definição sobre uma nacionalidade canadense no período ou, no mínimo, a sua multiplicidade.

Adrien Arcand, por exemplo, tinha que lidar com esses problemas típicos da política e da própria sociedade canadense daquele momento, ou seja, a rivalidade entre francos e anglos e como conciliar um nacionalismo canadense com o pertencimento a uma identidade maior, imperial e britânica.

Realmente, no seu esforço para se tornar um líder de porte nacional, Arcand tinha que tentar conciliar várias coisas inconciliáveis. Todos os grupos da direita radical apreciavam seu discurso sobre a destruição do sistema liberal, a ameaça judia e do comunismo e de implantação de uma nova ordem. Quando se tratava, contudo, de definir os contornos nacionalistas desta nova ordem, a unanimidade terminava e os conflitos começavam.

Ele ressaltava a todo momento, por exemplo, a sua lealdade à Monarquia e ao Império. Não apenas o rei seria o símbolo da identidade canadense, como o pertencimento ao Império seria a chave para esta própria identidade. O Império, ao menos no caso dos Domínios, seria formado pela união livre de partes autônomas e iguais. Pertencer a ele traria não apenas imensas vantagens econômicas, como seria uma garantia na grande luta anticomunista mundial. Mais ainda, seria garantia também de que o Canadá não seria absorvido pelos Estados Unidos e seria preservada, portanto, a existência da Nação.

Ele também procurava diferenciar seu projeto de autonomia dentro do sistema imperial de quaisquer menções à “luta contra o imperialismo”, que seria de tons esquerdistas<sup>14</sup>. A própria ideia de separar o Canadá do Império e anexá-lo aos EUA, aliás, seria um projeto judeu-maçônico<sup>15</sup>.

Os jovens católicos e nacionalistas do Quebec, por definição, não podiam gostar do seu flerte com a pagã Alemanha e desta sua posição pró-Império e de aproximação com Mosley (BETCHERMAN, 1978, p. 88). O grupo de Paul Bouchard, por exemplo, era especialmente crítico

das ideias imperiais e de unidade canadense de Arcand e alguns quebequenses pensavam mesmo em criar a nacionalidade quebequense, baseada nos valores católicos e próximos da direita francesa. Outros quebequenses podiam até se sentir patriotas canadenses e prontos a lutar pelo Canadá, mas não necessariamente pela Grã- Bretanha (RICHARD, 1996).

Isso era um problema para Arcand, pois seu nacionalismo quebequense moderado e sua defesa do Império e da unidade do Canadá o indispunha com os nacionalistas que queriam a Laurentia, ao mesmo tempo em que sua recusa em romper completamente os seus vínculos com o nacionalismo quebequense o tornava uma figura não cem por cento confiável em setores anglos. Betcherman (1978, p. 109) observa como ele tentava conciliar, sem sucesso, os dois grupos principais da política canadense, o que constitui a dificuldade eterna para uma política nacional neste país.

Arcand tentou resolver isso fazendo o seu discurso oscilar de região para região. Em Montreal ou Quebec, seu discurso se aproximava mais dos discursos dos nacionalistas, enquanto, no resto do Canadá, ele enfatizava seu respeito pela Monarquia e pelo Império. O discurso oscilava inclusive dentro dos jornais, com artigos ressaltando as vantagens para o Canadá em ser parte do Império britânico, como mencionados acima, sendo publicados ao lado de outros indicando que o Canadá seria mera colônia inglesa e que só deveria continuar no Império enquanto fosse do seu interesse, numa aproximação das ideias de Groulx<sup>16</sup>.

Ele e seus seguidores também tentaram fugir, enquanto puderam, da definição clara entre pró e anti Inglaterra. Quando eram perguntados, por exemplo, sobre como o Canadá devia se comportar em caso de guerra mundial, as respostas dos seus jornais eram claramente evasivas. Eles afirmavam que os conservadores associavam automaticamente a entrada britânica na guerra com a participação canadense, enquanto os liberais defendiam que a questão fosse levada ao Parlamento. Já seu partido defendia um plebiscito para tomar uma decisão<sup>17</sup>, o que permitia não apenas atacar o sistema democrático e ressaltar a necessidade dos canadenses decidirem seu destino, como evitava uma definição que poderia ser problemática seja nas áreas de língua francesa como nas de fala inglesa, que avaliavam de forma diversa a hipótese de uma guerra ao

lado do Reino Unido.

Outra estratégia que ele tentou utilizar foi a sua defesa da “cidadania canadense” no lugar da britânica. Por este projeto, haveria uma cidadania canadense, mas o Canadá continuaria parte do Império, o que o diferenciaria dos separatistas ou dos que se contentavam em ser meros súditos britânicos. Nesses termos, em um texto intitulado *Le sujet britannique et le citoyen*, *Le Patriote* assim se manifestava em 1934:

*Ces considérations nous amènent forcément au problème de la nationalité. Quels sont ceux qui ont des droits, au Canada? Les Canadiens, me répondrez-vous. Qu'est-ce qu'un Canadien? Est-ce qu'un Zoulou d'Afrique peut devenir un Canadien? Les libéraux ont terriblement embrouillé ces questions, dans le passé, au point que très rares sont ceux qui peuvent y répondre.*

*Dans l'empire britannique, tous sont sujets britanniques, ayant droit à la protection des lois impériales et du drapeau anglais, ni écossais, ni gallois, ni canadien, ni australien. C'est un titre purement impérial. Et un sujet britannique qui a droit à la protection britannique impériale n'a pas nécessairement un titre aux droits des Canadiens au Canada, ou des Australiens en Australie. (...) Le titre de sujet britannique accorde la protection royale, mais ne confère aucun droit national (...) il faut donc avoir plus que ce titre pour jouir des droits positifs: il faut être citoyen canadien. (...)*

*Il sera donc absolument nécessaire, dans l'avenir, de modifier nos lois de façon à faire une démarcation bien définie entre les titres de sujet britannique et de citoyen canadien. Le citoyen canadien est par naissance un sujet britannique, mais un sujet britannique n'a pas, par ce seul titre, des droits nationaux au Canada. Il faudra donc réparer une grave erreur que nous avons entretenue jusqu'ici et ne conférer le droit de vote, le droit d'éligibilité, le droit de représentation et le droit d'office public qu'aux citoyens canadiens, et non aux sujets britanniques. Ceux-ci seront*

*protégés, suivant les exigences du droit naturel et du droit impérial, mais ils n'auront aucun droit national et public.*<sup>18</sup>

De maneira pouco espantosa para um movimento influenciado pelo nazismo, seria a raça que permitiria a separação entre cidadãos canadenses e súditos britânicos que viviam no Canadá:

*Puisque, avec la création d'une citoyenneté, le Canada doit s'engager dans ses destinées véritables, il importe de poser quelques questions. Le Canada devra-t-il être, dans l'avenir, un pays de jaunes, de noirs, de sémites, de croisements abâtardis, ou devra-t-il être un pays de race blanche? Je crois que la réponse ne fait aucun doute dans l'esprit de tout Canadien authentique. Il ne s'agit pas, en principe, de déclarer inférieure une race qui n'est blanche, mais simplement d'avenir national et de protection de la race nationale. Nous concevons et admettons qu'un Canadien ne puisse ni ne doive devenir maire de Tokyo ou chef d'une tribu de Zoulous, ou premier ministre de la Palestine, ou même que, comme Canadien, il ait le loisir d'annuler le vote d'un turc en Turquie. Le Juif reste opiniâtrement juif, et pourtant nous le laissons avoir voix délibérante dans nos conseils nationaux; le nègre, même s'il veut s'assimiler, n'en reste pas moins nègre, et le fait qu'un nègre pourrait, par des moyens extraordinaires, devenir maire de Montréal ou Toronto, n'en serait pas un fait contre nature, au point de vue national.*

*Devant la création d'une citoyenneté nationale, la question de race se pose. Il faut la trancher résolument. Et nous estimons que c'est à nous, les races-mères de ce pays, de trancher la question, et non aux nouveaux-venus non-aryens qui n'ont pris aucune part aux sacrifices d'organisation de ce pays. Juifs, noirs et jaunes ne pourront pas alléguer qu'on leur fait une injustice en leur enlevant ce dont ils jouissent, car la citoyenneté n'existe pas encore. Ils ont la sujétion britannique, ils la garderont; elle leur*



*assurera la protection de leurs personnes et de leurs biens honnêtement acquis, mais ne leur assurera pas le droit de dire comment nous devons régler nos affaires dans notre pays. En ce qui concerne la race indienne indigène, nous considérons qu'elle est ici chez elle, qu'elle a des droits sacrés et inaliénables, et que la citoyenneté ne pourra être refusée à tout Indien émancipé.*<sup>19</sup>

A ideia de Arcand, na verdade, era a de uma nacionalidade canadense dentro da britânica, o que permitiria a independência do Canadá, mas dentro do Império, e conciliar um nacionalismo canadense com um imperial. Uma estratégia para agradar a todos, mas que não funcionou e desagradou todos os seus possíveis adeptos. No limite, não havia como resolver o dilema e isso enfraqueceu enormemente o seu potencial político-nacional.

Outros líderes fascistas que atuavam no Canadá tinham o mesmo problema. Mosley, por exemplo, tinha planos grandiosos para o Império britânico. Este – cuja manutenção era a prova final da superioridade anglo-saxã e que deveria ser defendido a todo custo – seria renovado pela própria ascensão fascista da Grã-Bretanha. Depois, ele deveria ser completamente autônomo e fechado em si próprio, favorecendo a autarquia. Seria assim capaz de se defender de ameaças externas e internas, garantindo ordem e prosperidade. A aliança entre a Alemanha dominante na Europa e o Império também serviria para manter longe as ameaças dos não-brancos dominados<sup>20</sup>.

Neste projeto, a Índia e outras colônias eram fundamentais e deveriam ser mantidas sob estrito controle. No entanto, quando se trata das colônias brancas, não fica claro o grau de autonomia que as mesmas teriam. James Drennan (1934, p. 258-259) afirma que Mosley concebia fortes vínculos econômicos dentro do Império, mas que não pensava em tirar, dos *Dominions*, seu status de partes iguais e independentes do Império. O fato de este ser um autor simpático à BUF, contudo, diminui o valor da sua afirmação, que simplesmente ressalta o que seria publicamente aceitável.

No jornal da *Canadian Union of Fascists*, fortemente ligado a Mosley, a questão também é trabalhada de forma vaga. Um leitor, em carta, ressaltava a necessidade de manter o Canadá branco e defendia a idéia de

remover os chineses e japoneses do Canadá para outra parte do Império, como a Guiana britânica<sup>21</sup>. Uma opinião radical e, aparentemente, isolada, mas o jornal sempre deixou claro como, sob um governo fascista, os *Dominions* só receberiam imigração branca e como eles tentariam conciliar um Canadá fascista auto-suficiente dentro de um Império fascista auto-suficiente:

*The Canadian Union of Fascists seeks to build a Canada as far as possible self-contained and, in conjunction with Fascists and National Socialist organizations in Britain and the Empire, to make the British Empire almost completely self-contained. Pending the organization of the British Empire as an economic unit, we will use our power as a buyer to force our way into markets now closed to us. Canadians will buy from those who buy from Canada*<sup>22</sup>

A praticabilidade e operacionalidade deste projeto, contudo, ficaram pendentes, o que revela a dificuldade do grupo em abordar a questão. Igualmente, a BUF nunca fez um trabalho real de conquista do poder nos *Dominions*. Como visto, ela espalhou militantes e seções por todas as partes do Império e procurou articular associações e parcerias com outros grupos dentro do manto imperial. No entanto, a questão da relação entre as partes num futuro governo nunca ficou realmente clara. Mosley, aliás, nunca se preocupou em visitar os *Dominions* e nem os Estados Unidos, o que indica a sua pouca preocupação com eles. De qualquer forma, a posição da BUF deixava imensos problemas no ar para o caso do partido chegar ao poder em Londres.

Nesses termos, seria possível a existência, por exemplo, de um Canadá democrático enquanto a Inglaterra de Mosley caminhava para o fascismo? E aceitariam o Canadá ou a Nova Zelândia uma tentativa da metrópole em ampliar seu controle sobre o Império? Parece pouco provável, o que indica como a ascensão dos fascistas britânicos ao poder implicaria em problemas no relacionamento do Canadá e de outros organismos autônomos do Império com Londres e causaria atritos entre nacionalistas britânicos e canadenses dentro do próprio Canadá.

Também a própria definição nacional causaria, provavelmente,

sérios atritos entre esses grupos. Em fins de 1937, L.A. Coulombe, de Saskatchewan, escrevendo para o *The Thunderbolt*, fez interessantes reflexões sobre a nacionalidade canadense e sua relação com a britânica, as quais vale a pena reproduzir com mais cuidado:

*Strictly Canadian!*

*One of the main objectives of the National Party is to build a Canadian nation. So far, we have never had a Canadian nation and there have never been Canadians in Canada, only British subjects. (...) The title of "British subject" is an Imperial title that is in no way National and even tends to deny the existence of a Canadian nation. We have a definite character and the National Party wishes this character to be plainly acknowledged. There is nothing surprising in the fact that in this country there is no National unity; there is no National mentality because there is no National consciousness. Until this day, we have lived as "British subjects" living in a country called Canada. Well, we must definitely change the formula and in the future live as Canadians citizens, whose country forms a part of the British Commonwealth of Nations. We have a definite character and must be conscious of it. The lack of Nationality has brought unfortunate consequences in the past and is causing even greater misfortune today. We have come to doubt if the Canadian constitution is not an error when we see how profoundly divided and very often antagonists are the different sections and provinces of this country. The reason for all this is that we never had a central point around which to evolve a true National mentality. Never have we had a primordial and necessary element of union and unity. It is for this reason that we are so divided.<sup>23</sup>*

Era este, como visto, o mesmo problema enfrentado por Arcand, de conciliar visões de nação e nacionalismo que se contrapunham. E, do mesmo modo, a solução da CUF se aproximava da de Arcand, tanto na proposta como na sua impraticabilidade. Definir a nacionalidade

canadense, naquele momento, era complicado e isso causava ainda mais problemas no relacionamento entre os grupos da extrema-direita do que em outros países, o que constitui uma especificidade canadense.

### **Considerações finais**

Em 1938, Frederick Edwards comentou como o Canadá deveria ser grato a Adolf Hitler, o qual, com a sua agressividade crescente, tinha finalmente alertado o país para os perigos do fascismo na sua versão local. A suástica e o nazismo tinham se tornado grandemente impopulares na nação e isso teria sido um excelente remédio contra os riscos de um fascismo canadense tomar o poder. Edwards comentava como Arcand e outros líderes fascistas canadenses estariam, agora, precisando responder a questões espinhosas. Como eles poderiam defender um regime que, hipoteticamente, logo estaria em guerra com o Canadá? E como poderia afirmar o caráter cristão do seu movimento enquanto Hitler perseguia católicos e protestantes? Sua popularidade e seus apoios estavam diminuindo rápido e isso seria fatal, como de fato foi, para suas pretensões de poder.

Edwards acertou realmente quando fez esses comentários. As fortes conexões internacionais de Arcand, Whittaker e outros adeptos do fascismo no Canadá foram fundamentais para a sua existência. E isso não apenas no sentido material, recebendo ajuda financeira, artigos e material de propaganda e outros apoios, mas também no intuito de dar um sentido global a sua luta. Via jornais, cartas e contatos, os fascistas canadenses eram convencidos de que a sua luta não era algo isolado no norte do continente americano, mas mundial, o que lhes dava forças para prosseguir, mesmo quando as ideias de atingir o poder localmente pareciam claramente fora de propósito.

Nessa linha, podemos ter uma visão mais global do movimento fascista canadense. Partindo de suas sedes e bases centrais, as cidades de Toronto e, especialmente, Montreal, eles mantinham núcleos de certa importância em algumas cidades e pequenos núcleos e/ou militantes isolados espalhados por todo o território canadense. Esses núcleos se interligavam entre si através da circulação de militantes, correspondência, jornais e notícias. Essa rede se conectava, por sua vez, à rede fascista mundial, de onde recebia energia e apoio para continuar sua luta mesmo

quando as condições internas não eram favoráveis.

Assim, não faz muito sentido pensar na história do fascismo canadense em termos de história canadense ou mesmo norte-americana. O que temos era uma densa rede transnacional que afetava as atividades tanto dos fascistas como as dos seus opositores. Entender o fascismo sem pensar em referenciais externos seria uma tarefa inútil e até sem sentido e foi neste referencial que os fascistas canadenses beberam, em boa parte, para tentar a sua decolagem como movimentos de massa.

Por outro lado, o referencial externo e rede de ligações com outros movimentos e grupos também trouxeram problemas aos vários movimentos fascistas canadenses. Como indicado por Edwards, a partir do momento em que o fascismo internacional (e, mais notadamente, o nazismo alemão) passou a ser visto como algo negativo e ameaçador, as perspectivas de poder do canadense, já pequenas por vários motivos, se tornaram ainda menores. Isso foi real para todos os movimentos fascistas do mundo, mas foi especialmente verdadeiro para os do Império britânico, com o qual a hipótese de guerra com a Alemanha se tornava cada vez maior.

Dessa forma, o fascismo foi perdendo popularidade internamente tanto por ficar cada vez mais clara a sua orientação agressiva e antidemocrática, como por uma questão nacionalista. Afinal, como defender um movimento claramente identificado com o inimigo da guerra anterior e, provavelmente, da próxima? Ou seja, quando Arcand, Whittaker e outros passaram a ser identificados como antinacionais justamente por sua identificação internacional, seus destinos já estavam selados, num processo semelhante ao vivido por Mosley na Inglaterra (BALDOLI, 2003; BENEWICK, 1969 e THORPE, 1989).

A identificação fascista desses homens e grupos, igualmente, não facilitava a tarefa que eles ambicionavam, ou seja, a de criar uma nacionalidade canadense num país que era parte integrante de um Império, com duas populações culturalmente distintas disputando o poder, e forte imigração.

Assim, a ideia de um rompimento com o Império não agradava boa parte da população de língua inglesa, satisfeita com seu status britânico, e nem facilitava os contatos com Mosley e seus adeptos na Inglaterra e no Canadá. Uma defesa intransigente do Império resolveria esses problemas, mas causava tensões com os separatistas quebequenses (que queriam a sua

própria nacionalidade e independência ou, no mínimo, mais autonomia) e talvez com vários grupos fascistas franceses que apoiavam a causa do Quebec. A tentativa de criar uma nacionalidade canadense dentro da imperial, como ressaltado, foi uma tentativa de agradar a todos, mas nunca funcionou realmente.

Do mesmo modo, defender a assimilação dos imigrantes ao Canadá agradava a maioria dos francos e anglos nacionalistas, mas irritava fascistas italianos, alemães ou ucranianos, interessados em manter a identidade dos seus imigrantes. A solidariedade com grupos fascistas dos Estados Unidos também poderia ser fator de força, mas o risco de uma absorção do Canadá pelo seu vizinho do sul estava sempre presente, o que levava a tensões. Em resumo, o nacionalismo dificultou ainda mais a trajetória do fascismo canadense e as complexidades da nacionalidade e das identidades canadenses naquele momento apenas tornaram o quadro mais complexo.

Talvez tivesse sido possível, numa outra conjuntura, encontrar algum equilíbrio entre tantas demandas nacionalistas e identitárias e criar um novo Canadá, nacionalmente definido e parte integrante de um mundo fascista. No entanto, dada a complexidade do problema nacional no Canadá, seria esta tarefa hercúlea, que nem Arcand nem outros líderes conseguiram levar a cabo. Assim, suas conexões internacionais foram fundamentais para retirá-los da obscuridade, mas, por outro lado, também contribuíram para que eles a ela retornassem em pouco tempo.

## Notas

- <sup>1</sup> A pesquisa para o presente artigo foi realizada no Canadá em 2000 e, novamente, em 2008. Agradeço ao “International Council for Canadian Studies”, que me forneceu uma bolsa de pesquisa de curta duração para que eu pudesse pesquisar em Toronto e Montreal em agosto e setembro de 2000 e setembro e outubro de 2008. Agradeço também a meus amigos canadenses e brasileiros (como Alexandre Valim e Bruno Ramirez) que muito me ajudaram nas minhas viagens. Roberto Perin é especialmente inesquecível na sua hospitalidade. Alguns dados também foram obtidos na minha visita ao *Immigration History Research Center*, da Universidade de Minnesota, em 2008, pelo que também agradeço a Grant que me foi oferecida por esta instituição.
- <sup>2</sup> O debate para caracterizar padre Groulx e seu pensamento é intenso no Canadá e se relaciona com um maior, para avaliar o grau de antisemitismo existente no Quebec e no Canadá como um todo. Ver os textos de Esther Delisle e os de Gérard Bouchard (2000 e 2003) para o debate. Também esclarecedor é o trabalho de Xavier Gélinas (1998).

- <sup>3</sup> Para estes dados, ver Delisle (1998, p. 12-17 e 73-182). Essa autora é pouco confiável na sua metodologia de análise. Não obstante, isoladamente, alguns dados por ela levantados parecem válidos, o que me permite utilizá-los nesse artigo, sem que isso signifique a adoção de suas ideias por inteiro. O mesmo pode ser dito da minha utilização do livro clássico de Betcherman, o qual, como um todo, tem alguns problemas, mas cujos dados isolados são ainda úteis para minha discussão.
- <sup>4</sup> *The Thunderbolt*, n. 5, 20/8/1937.
- <sup>5</sup> *The Thunderbolt*, n. 1, 20/7/1937 e n.6, 20/9/1937.
- <sup>6</sup> Elas eram inclusive vendidas, como “símbolos da raça branca na sua luta contra o judaísmo internacional” na sede do jornal. Ver “Portez votre insigne de La Croix Gammée”. *Le Patriote*. Ano 2, n. 3, 10/5/1934.
- <sup>7</sup> “Le fascisme en Irlande”. *Le Patriote*. Ano 1, n.16, 17/8/1933 e “L’Irlande a son Hitler”. *Le Patriote*. Ano1, n. 20, 14/9/1933.
- <sup>8</sup> Ver referências a um artigo elogiando Arcand na revista “Universalità Romana” de Milão em “Un bel hommage d’Italie à notre jeune parti”. *Le Patriote*. Ano 2, n.5, 10/5/1934. Em “Le PNSC à Radio-Rome”. *Le Fasciste Canadien*, Ano 2, n. 7, outubro 1936, por sua vez, há referências a emissões elogiosas de Rádio Roma sobre o PNSC.
- <sup>9</sup> “Nouveau Parti Fasciste en France”. *Le Patriote*. Ano 1, n. 32, 7/12/1933.
- <sup>10</sup> “Aux fascistes polyglottes!” *Le Patriote*. Ano 1, n. 32, 7/12/1933. Mesmo anos depois do fim da Segunda Guerra, seus jornais continuavam a manifestar admiração pelos líderes “nacionalistas e corporativistas” ainda no poder, como Salazar. Ver, por exemplo, “30 ans de Salazar”. *L’Unité Nationale*. Ano 7, n. 9, julho/1956.
- <sup>11</sup> “La Bataille Fasciste au Brésil”. *Le Fasciste Canadien*. Ano 2, n. 5, outubro 1936. Dois anos depois, o jornal, incomodado com a eliminação do Integralismo no Brasil pelo regime varguista, publicou texto associando o caso brasileiro ao romeno. Em ambos, regimes judaizantes teriam sido implantados para evitar a vitória do fascismo. Um indício claro de como eles acompanhavam com cuidado as notícias sobre o fascismo internacional, ainda que as analisassem segundo a sua ótica própria. Ver “Que se passe-t-il au Brésil!”. *Le Fasciste Canadien*. Ano 4, n. 1, junho 1938.
- <sup>12</sup> Ver Betcherman (1978, p. 97) e “Un grand honneur est fait aux Fascistes canadiens, à New York”. *Le Fasciste Canadien*. Ano 3, n. 7, dezembro 1936.
- <sup>13</sup> “Le programme du PNSC”. *Le Patriote*. Ano 1, n. 45, 8/3/1934. Para outras negativas de Arcand de que recebia ajuda financeira de grupos do exterior, ver Frederick (1938).
- <sup>14</sup> “Le programme du PNSC”. *Le Patriote*. Ano1, n. 49, 5/4/1934. Com a proximidade da guerra, o esforço para demonstrar a lealdade à Monarquia apenas cresceu. Ver “Vive Le Roi! Vive La Reine! *Le Combat National*. Ano 4, n. 12, maio/1939.
- <sup>15</sup> “L’annexion du Canada aux États-Unis?”. *Le Combat National*. Ano 4, n. 9, fevereiro/1939.
- <sup>16</sup> “La “colonie” du Canada”. *Le Combat National*. Ano 4, n. 4, setembro/1938 e Edwards (1938).
- <sup>17</sup> “L’Unité Nationale et la guerre”. *Le Combat National*. Ano 4, n. 3, outubro/1938.

- <sup>18</sup> “Fascisme ou socialisme”, *Le Patriote*. Ano 1, n. 42, 22/2/1934.
- <sup>19</sup> “Le programme du PNSC”. *Le Patriote*. Ano 1, n. 48, 29/3/1934. Não espanta, aliás, que depois de 1945, Arcand e seus seguidores tenham sido ferrenhos opositores à imigração não branca no Canadá.
- <sup>20</sup> Ver Cross (1961, p. 71-74); Pugh (2005, p. 177-94) e Skidelsky (1975, p. 306-07). No pós-1945, Mosley repensou esse projeto e o reelaborou em novos termos. Ele propôs a união da Europa numa versão própria da União Europeia e o seu isolamento autárquico como solução para os seus problemas. Ver Mosley (1968, p. 476-78 e 1961, p. 33-34).
- <sup>21</sup> Digby Hussey DeBurgh, “Canada’s oriental problem”. *The Thunderbolt*, n. 8, 12/1937.
- <sup>22</sup> “Where stands fascism”. *The Thunderbolt*, n. 1, 20-7-1937.
- <sup>23</sup> L.A. Coulombe, “Strictly Canadian!”. *The Thunderbolt*, 12/1937.

## Bibliografia

BALDOLI, Claudia., *Exporting Fascism. Italians Fascists and Britain’s Italians in the 1930’s*. Oxford: Berg Publishers, 2003.

BARROSO, Gustavo. *Roosevelt es judio*. Buenos Aires: La Mazorca, 1938.

BENEWICK, Robert. *Political violence and Public order: a study of British Fascism*. London: Allen Lane, 1969.

BERTONHA, João Fábio. “A Questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista.” *Revista Brasileira de Política Internacional* v. 43, n 1 (2000): 99-118.

\_\_\_\_\_. “Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo saxão” *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 1, n. 2, p. 129-144, 2002.

\_\_\_\_\_. “O fascio, a suástica e a maple leaf: o fascismo no Canadá do entreguerras”. *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 11, pp. 191-214, 2010.

BETCHERMAN, Lita Rose. *The Swastika and the Maple Leaf - Fascist movements in Canada in the thirties*. Toronto: Fitzhenry Whiteside, 1978.

BOUCHARD, Gérard. Bouchard, Gérard et alii. *Juifs et canadiens français dans la société québécoise*. Montreal: Éditions du Septentrion,



2000.

\_\_\_\_\_. *Groulx*. Montreal: Les Editions du Boreal, 2003.

CUZZI, Marco. *L'internazionale delle camicie nere - I CAUR, Comitati d'azione per l'universitalità di Roma (1933-1939)*. Milano: Mursia, 2005.

CROSS, Colin. *The Fascists in Britain*. Londres: Barrie and Rockliff, 1961.

DELISLE, Esther. *Le Traître et le juif. Lionel Groulx, le Devoir et le delire du nationalisme d'extreme droite dans la province de Quebec, 1929-1939*. St Laurent: l'Étincelle Editeur, 1992.

\_\_\_\_\_. *Myths, memory and lies. Quebec's intelligentsia and the fascist temptation, 1939-1940*. Westmount: Robert Davis, 1998.

DRENNAN, James, *B.U.F – Oswald Mosley and British fascism*. London: John Murray, 1934.

EDWARDS, Frederick. "Fascism in Canada". *MacLean's Magazine*, 15/4/1938 e 1/5/1938.

GELINAS, Xavier. "Notes on Anti-Semitism Among Quebec Nationalists, 1920-1970: Methodological Failings, Distorted Conclusions" Conferência ministrada em 1998 e disponível em <http://faculty.marianopolis.edu/c.belanger/quebechistory/docs/jews/Anti-SemitismandQuebecNationalists.html> (Acesso em 3/8/2011).

GUY, Jeff. "Fascism, nationalism and the foundation of Apartheid ideology" in LARSEN, Stein Ugelvik. *Fascism outside Europe. The European impulse against domestic conditions in the difusion of global fascism*. New York, Columbia University Press, p. 427-466, 2001.

LEDEEN, Michael. *International Fascism*. New York: Howard Fertig, 1973.

LEWIS, D.S. *Illusions of Grandeur – Mosley, Fascism and British society, 1931-1981*. Manchester: Manchester University Press, 1987.

LIBERATI, Luigi Bruti. *Il Canadá, L'Italia e il fascismo*. Roma: Bonacci, 1984.

MACDONNELL, F. *Insidious Foes. The Axis Fifth Column and the American Home Front*. New York: Oxford University Press, 1995.

MOSLEY, Oswald.. *My Life*. London: Nelson, 1968.

\_\_\_\_\_. *Right or wrong*. London: Lion Books, 1961.

MOUNT, Graeme. *Canada's enemies. Spies and spying in the peaceable kingdom*. Toronto and Oxford: Dundurn Press, 1993.

PASCHOALETO, Murilo Antonio. "O Integralismo e o Mundo: uma análise do universo fascista anglo-saxão no jornal A Offensiva (1934-1935)". *Anais Eletrônicos do IV Seminário de História Regional*, Passo Fundo. 2010, p. 513-522.

PRYMAK, Thomas. *Maple Leaf and Trident. The Ukrainian Canadians during the Second World War*. Toronto: The Multicultural History Society of Ontario, 1988

PRINCIPE, Angelo. *The Darkest side of the Fascist years - the Italian Canadian Press, 1920-1942*. Toronto: Guernica, 1999.

PUGH, Martin. *Hurrah for the Blackshirts. Fascists and fascism in Britain between the wars*. London: Jonathan Cape, 2005.

RICHARD, Béatrice et alii. "Portrait d'une division" In SANDERS, Wilfrid. *Jack et Jacques: l'opinion publique au Canada pendant a Deuxième Guerre Mondiale*. Montreal, 1996, p. 9-17.

ROBIN, Martin. *Shades of right - Natives and fascist movements in Canada, 1920-1940*. Toronto: University of Toronto Press, 1992.

ROSS, Jeffrey Ian. "The Structure of Canadian terrorism" *Peace Review*. 7, ¾: 355-361, 1995. SABATINI, Davide. *L'internazionale di Mussolini - La diffusione del fascismo in Europa nel progetto politico*

*di Asvero Gravelli*. Roma: Edizioni Tusculum, 1997.

SANDERS, Wilfrid. *Jack et Jacques: l'opinion publique au Canada pendant a Deuxième Guerre Mondiale*. Montreal, 1996.

SKIDELSKY, Robert. *Oswald Mosley*. London, 1975.

THORPE, Andrew. *The failure of political extremism in inter-war Britain*. Exeter: University of Exeter, 1989.

WAGNER, Jonathan. *Brothers beyond the sea. National Socialism in Canada*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1981.

WARREN, Donald. "Depression Era. Fascism and Nazism in the United States and Canada: Threat to democracy or theatre of the absurd?" in LARSEN, Stein Ugelvik. *Fascism outside Europe. The European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*. New York: Columbia University Press, 2001, p. 635-701.

**Jornais de época consultados** (Robarts Library, University of Toronto, Adrien Arcand Collection, MFM JL C655)  
*Le Combat National*, 1938-1939 *Le Fasciste Canadien*, 1936-1938 *Le Patriote*, 1933-1934  
*The Thunderbolt*, 1937